

O Negócio dos 50 Mil Votos: Como Montar um Partido à Conta do Zé Povinho

Publicado em 2025-05-26 14:31:41



Francisco Gonçalves

Portugal, país de sol, mar... e subsídios partidários. Num sistema político onde os votos valem dinheiro, **os partidos tornaram-se empresas de capital eleitoral**, e o povo, mais uma vez, o investidor involuntário.

1. A fórmula mágica: 50.000 votos

Basta um partido alcançar cerca de 50.000 votos em eleições legislativas e... *voilà!*

Abre-se o cofre do erário público:

- Financiamento anual por cada voto obtido;
 - Reembolso de despesas de campanha;
 - Acesso a tempos de antena;
 - Direito a contratar assessores, arrendar sedes e pagar tachos — tudo com o selo do contribuinte.
-

2. A perpetuação dos oportunistas

Não interessa se o partido tem ideias, propostas ou utilidade.

Interessa é passar a meta mágica dos 50 mil. A partir daí, instala-se a máquina:

- Empregam-se amigos, sobrinhos, cunhados.
- Justificam-se fundos com cartazes que ninguém lê.
- Criam-se estruturas fictícias que duram até ao próximo ciclo eleitoral.

“Partido político em Portugal? É como abrir uma start-up de subsídios.”

3. O povo paga. E nem bufa.

Milhões são transferidos todos os anos para partidos — grandes, médios, pequenos e até minúsculos.

- O contribuinte que ganha o salário mínimo paga a campanha do deputado que nunca viu.
- O reformado sem aumentos financia cartazes vazios e propaganda inútil.
- O jovem precário paga a sede do partido que não o representa.

E ninguém protesta. Porque ninguém explica. E a comunicação social finge que não é com ela.

4. Democracia? Ou esquema de financiamento automático?

Este modelo transforma a política num negócio de sobrevivência:

- A missão deixa de ser servir o povo — passa a ser **garantir a renda estatal**.
- E a criatividade política resume-se a conquistar o suficiente para não desaparecer do mapa dos apoios.

A cada eleição, assistimos ao desfile de listas recicladas, slogans ocas e promessas copiadas — tudo **financiado com o dinheiro de quem vai votar sem saber que está a sustentar a farsa**.

Conclusão: A fábrica partidária continua a laborar

Portugal é o único país onde partidos irrelevantes sobrevivem com financiamento garantido e onde **os grandes vivem como organismos parasitas do orçamento do Estado**.

“A democracia é a desculpa. O negócio é o voto.”

Francisco Gonçalves

Como tão lucidamente perguntou Saramago, com aquele olhar atravessado pela verdade crua:

“É isto a democracia?”

Uma pergunta que ressoa como punhal subtil — num país onde se confunde liberdade com marketing político, onde o voto alimenta estruturas de poder fossilizadas, e onde o cidadão serve para votar... mas não para decidir.

Saramago sabia que a democracia sem consciência é só uma **encenação periódica**, um teatro com urnas, bandeiras e discursos — mas onde o guião é sempre escrito pelos mesmos.

A verdadeira democracia começa quando **essa pergunta deixa de ser retórica**.

Quando alguém a escreve num muro.

Quando um povo a faz, em uníssono — e exige resposta.

FG.

❖ Porque razão escrevo e publico livremente?

Porque acredito que o pensamento deve ser partilhado, não aprisionado.

Escrevo para despertar, não para agradar.

Publico livremente porque **o saber é um direito, não um produto.**

[Ler mais...](#)